

Título da exposição: **Feito à mão como antigamente: um olhar etnográfico sobre a trajetória laboral de um construtor de instrumentos musicais na região metropolitana de Porto Alegre, RS**

Autor(es): **Eduardo Ribeiro Gonçalves.**

Agência(s) Financiadora(s) da Exposição: **O autor/Navisual PPGAS**

Pesquisa e Instituição: **“Antropologia Visual do Núcleo de Antropologia Visual” (iniciação científica) PPGAS-UFRGS.**

Cidade e Data da Pesquisa: **Porto Alegre, RS, 2012.**

Orientação: **Profa. Dra. Cornélia Eckert - PPGAS UFRGS.**
Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa – Navisual Biev – PPGAS UFRGS

Local da Exposição: **Galeria Olho Nu, IFCH, UFRGS, Porto Alegre, RS.**

Período de Exposição: **9 de abril a 28 de maio 2013.**

Curadoria/Equipe de montagem: **Eduardo Ribeiro Gonçalves; Rumi Kubo (coordenadora da montagem); Cornélia Eckert, Ronaldo Corrêa, Fabrício Barreto, Aline Rochedo, Luiza Dantas, Pamela Francisca Jorquera Álvarez, Yuri Schönardie Rapkiewicz,**

Ficha técnica: **10 fotos, tamanho 4608x3456, 300dpi, enquadramento automático**

Câmera e lente(s) utilizada(s): **Nikon Coolpix L810**

Forma de Citação da resenha: **ROCHEDO, Aline. Feito à mão como antigamente: um olhar etnográfico sobre a trajetória laboral de um construtor de instrumentos musicais na região metropolitana de Porto Alegre, RS. *Revista Iuminuras* [on line], Porto Alegre, v. 14, n. 33, p. 331-340, Jul/dez. 2013. Resenha. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/iluminuras>>. ISSN: 1984-1191.**

FEITO À MÃO COMO ANTIGAMENTE: UM OLHAR ETNOGRÁFICO SOBRE A TRAJETÓRIA LABORAL DE UM CONSTRUTOR DE INSTRUMENTOS MÚSICAIS NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE, RS.

Aline Rochedo¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

O uso de recursos visuais na construção do conhecimento antropológico proporciona uma riqueza de detalhes e dimensões por vezes inatingíveis pela representação da linguagem escrita. Expostas numa narrativa, as imagens colhidas como dados etnográficos abrem espaço para novas interações e reflexões de interpretação da realidade social num exercício coletivo e compartilhado. E há outra camada muitas vezes despercebida no processo: a elaboração de uma exposição fotoetnográfica. Pretendo, a seguir, expor um breve relato sobre o percurso de criação, montagem e visitação da mostra *Feito à mão como antigamente: um olhar etnográfico sobre a trajetória laboral de um construtor de instrumentos musicais na região metropolitana de Porto Alegre, RS*, de Eduardo Ribeiro Gonçalves, bolsista PIBIC/CNPQ, do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



Foto 1 - Ribeiro (centro) e a equipe do Navisual começam a preparar a montagem da exposição “Feito à mão como antigamente” Foto: Aline Rochedo.

Graduando do curso de Licenciatura em História, Ribeiro estreou na pesquisa fotoetnográfica orientado por Dra. Cornélia Eckert e Dr. Ronaldo Corrêa. Foi a partir do encontro com o construtor e restaurador de instrumentos musicais Ronaldo Batista

Magnie do contato com textos de Marcel Mauss, Jean-Pierre Warnier e Marcelo Rede que o bolsista do Navisual elaborou reflexões sobre cultura material, técnicas do

corpo e relação laboral, vivenciando um universo de arte, criatividade, consciência ambiental e música. Do conjunto de dados colhidos entre agosto e dezembro de 2012, Ribeiro ordenou, com os orientadores e colegas do núcleo de pesquisa, a narrativa dividida em quatro crônicas a expos em 12 painéis, na Galeria Olho Nu, no Campus do Vale da UFRGS, em Porto Alegre. A mostra reuniu 31 fotos coloridas e foi visitada de 9 de abril a 28 de maio de 2013.

Quando fui apresentada às fotos de Ribeiro, em março de 2013, mês do meu ingresso no Navisual, a montagem era pensada pelo grupo. Em meio a comentários e sugestões, as imagens de Ronaldo, o interlocutor, de sua oficina e dos instrumentos de corda me remeteram a *Guitarra e vos*, música do uruguaio Jorge Drexler, mais precisamente do trecho: *Escierto que no hay arte sin emoción, y que no hay precisión sin artesanía, como tampoco hay guitarra sin tecnología*. Com essa trilha em mente, ouvi a professora Cornélia Eckert sugerir meu nome como resenhista da mostra. Nunca mais consegui olhar para as imagens do exercício etnográfico de Ribeiro sem cantarolar a música de Drexler. Porque, de muitas maneiras, a arte com emoção, a precisão do artesanato e a tecnologia para a elaboração e reconstrução de instrumentos e móveis da oficina estavam presentes nas narrativas e na forma como estas foram pensadas.



Foto 2 - Pamela, Luísa e Ribeiro.
Foto: Aline Rochedo.



Foto 3 - Dr. Corrêa, Pamela e Luísa Foto: Aline Rochedo.

Para mim, os gestos e as expressões do construtor de instrumentos falam de emoção, arte e precisão. É dos mesmos elementos que fala a construção de Ribeiro como pesquisador, a relação de confiança estabelecida com o interlocutor e a forma como sua pesquisa – ou exercício etnográfico, como ele frisava – se moldou. E era disso que falava a colaboração orquestrada do Navisual, cujos integrantes se reuniram em pelo menos duas tardes para trocar ideias, criar e montar os painéis e discutir a forma e os adereços, como desenhos à mão feitos pelo orientador Corrêa e expostos ao lado das fotografias.



Foto 4 - Ribeiro e Yuri ajustam os painéis. Foto: Aline Rochedo



Foto 5 - Ribeiro ajusta os painéis na Galeria Olho Nu, na UFRGS. Foto: Aline Rochedo.

A exposição se iniciava com o olhar de Ronaldo, um olhar de boas-vindas e de consentimento. Sentado, sem camisa, com tatuagens à mostra, tocando um violão e emoldurado por trastes de cartolina estilizados e barbantes, o interlocutor sorria e nos convidava a ingressar no seu mundo. Na discussão acerca da imagem de abertura, temeu-se que o personagem fosse confundido com um músico. A equipe arriscou. No dia da montagem, interpelei a primeira pessoa a cruzar a galeria, assim que a imagem foi pendurada. Perguntei se tinha ideia sobre quem seria aquele homem. “Um artista”, respondeu-me. “Por quê?”, indaguei. “Essas tintas ali atrás... E ele tem cara de artista.” Cara e alma. O trabalho de construção e restauração de instrumentos musicais, explica Ribeiro, deriva de um comprometimento com o senso estético e um hobby cujas raízes estão na infância, quando Ronaldo começou a ler sobre a arte de construir e restaurar instrumentos de corda. O sustento da casa vem de suas atividades no salão de beleza da família, onde corta e pinta madeixas, ou seja, também executa outras tarefas criativas, artísticas, precisas e artesanais.



Foto 6 - Painel de boas-vindas, com o “convite” do interlocutor, Ronaldo; o desenho de Ronaldo Corrêa; e as credenciais de Ribeiro. Foto: Eduardo Ribeiro Gonçalves.

O quadro seguinte dava início à primeira das quatro crônicas. Três imagens situavam o visitante na oficina, que se localiza na garagem da casa. Neste e nos dois painéis adiante, percebia-se a relação de Ronaldo com o espaço e os móveis, estes construídos ou restaurados por ele. Ribeiro teve o cuidado, aqui, de demonstrar a preocupação de seu interlocutor com o reaproveitamento de material, com a reciclagem. Como Ronaldo utiliza restos de madeira e caixas também nos instrumentos, pode-se afirmar que sua relação com o mobiliário é pautada pelo afeto.

A segunda crônica se distribuía em quatro painéis e formava uma composição sobre os artefatos musicais, uns criados, outros restaurados. Ao lado de instrumentos para uso convencional e venda, havia uma alegoria de peças elaboradas a partir de latas de biscoitos natalinos, caixas descartadas pelo fruteiro, latinhas de cerveja e outros materiais. De modo geral, conta-nos Ribeiro, são objetos musicais usados para apresentar crianças, mas com os quais o artista extrapola sua criatividade de forma poética, lúdica e experimental.



Foto 7- A composição da segunda crônica. Foto: Eduardo Ribeiro Gonçalves.

A terceira crônica era uma ode à gestualidade às práticas laborais do construtor, uma composição em três painéis. Ronaldo trabalha com restos de madeira, utiliza pedaços de armários, reconstitui, recompõe, rege as ferramentas. Nas fotos, percebíamos a concentração nas notas, na precisão, nos movimentos regulados, contidos. A narrativa se encerrava com um solo num terno de imagens introspectivas.



Foto 8 - Trecho da terceira crônica. Foto: Eduardo Ribeiro Gonçalves.



Foto 9 - A mostra se encerra ao som do artista. Foto: Eduardo Ribeiro Gonçalves

Neste painel único, Ronaldo atendia a um pedido do pesquisador – na verdade, a uma solicitação dos orientadores, que sentiram falta de uma crônica para encerrar a narrativa e enviaram Ribeiro de volta ao campo. O pesquisador foi, renegociou e retornou ao núcleo com imagens certas, resultantes de várias dimensões bem-sucedidas da experiência etnográfica. Questionado sobre a espontaneidade nas imagens da relação do criador com suas criações, Ribeiro respondeu: “Foi assim que eu o encontrei várias vezes, tocando sozinho. Ele chega em casa e toca. Só pedi pra ele repetir.” São cenas que completam a fala de Ronaldo nesse encerramento, na qual ele indica que sua maior satisfação é, no final do trabalho, sentir e ouvir a música sair dos instrumentos.

A opção pela narrativa linear não se deu por acaso. “É minha primeira experiência com pesquisa, com fotografia e com exposição. Venho da Licenciatura, e minha preocupação era fazer algo autoexplicativo, didático”, disse Ribeiro. Ele reconhece que nem todos apreenderiam o processo em seus termos, como uma vida em quatro atos. Mas esperava que as pessoas se divertissem, pensassem sobre o que estavam vendo e reconhecessem a alma criativa do personagem.

O resultado satisfatório da exposição *Feito à mão como antigamente* deveu-se muito à conexão afetiva entre pesquisador e pesquisado, pois Ronaldo não é um estranho para Ribeiro. O bolsista chegou à oficina por indicação de um amigo para consertar uma guitarra. Vizinhos que são, descobriram afinidades em torno do universo musical e se tornaram amigos. Mas Ribeiro começou a namorar – “Por coincidência”, afirmou– a filha de Ronaldo. Recém-ingresso no Navisual, onde era apresentado à teoria antropológica, o bolsista enxergou na oficina, na sensibilidade artística e nas hábeis mãos do sogro um campo de pesquisa para seu primeiro exercício etnográfico. E foi a partir daí que as negociações se iniciaram.



Foto 10 - Ronaldo visita a exposição. Foto: Eduardo Ribeiro Gonçalves.

Para Ribeiro, no entanto, não bastavam os pareceres dos orientadores, os elogios dos colegas nem a atenção do público. Ele fez questão de restituir a pesquisa a Ronaldo, seu principal parceiro na expedição etnográfica. Só depois da visita do personagem à mostra e da confirmação de que ele se reconhecia nas narrativas é que o pesquisador se deu por satisfeito. Porque, como nos ensina Ronaldo, a satisfação maior no final das jornadas criativas é tocar os instrumentos de nossos ofícios e ouvir, ver ou simplesmente sentir a emoção que ressoa de um trabalho benfeito. Quanto a mim,

duvido que algum dia consiga escutar *Guitarra y vos* sem ouvir os acordes imagéticos de “*Feito à mão como antigamente*”.

Recebido: 12/06/2013

Aprovado: 28/06/2013